

TRIBUNA ARTISTICA

Periodico semanal escripto e redigido por artistas

Rio de Janeiro.—Domingo 19 de Novembro de 1871

Summario

TRIBUNA ARTISTICA

ADVERTENCIA

O NOSSO PROGRAMMA

OS PARTIDOS E A INSTRUCCÃO

A GUARDA NACIONAL

IMPRESA AMERICANA

CHRONICA

LITTERATURA

TRIBUNA ARTISTICA

ADVERTENCIA

Publicando este periodico sem outro interesse que o de advogarmos na imprensa os direitos dos trabalhadores de todas as profissões artisticas, o preço da sua assignatura, paga adiantada, regulará por duzentos réis mensaes emquanto não for mudado para mais paginas. O tempo variará entre um e dez mezes para os lugares que não seja preciso sello, e será fixo em dez mezes no caso contrario.

Todo e qualquer escripto em linguagem livre, mas conveniente, e que estejam no nosso programma, logo que seu autor se sujeite á redacção deste periodico terá publicação gratuita, não entrando nesse rol os de questões particulares.

Qualquer correspondencia ou reclamação deve ser enviada á typographia da rua Nova do Cuvidor n. 20, onde assigna-se e estão á venda por quarenta réis os numeros que se forem publicando. Tambem assigna-se e vende se em Nictheroy rua da Conceição n. 57.

A REDACÇÃO.

O NOSSO PROGRAMMA

Encetando neste periodico a nossa vida na imprensa com o fim de advogar os interesses sociaes dos trabalhadores de todas as profissões artisticas, o preço

da sua assignatura parece-nos demonstrar não sermos movidos pela tenção de mercadejar na mais elevada instituição do XIX seculo; pelo contrario: elle dispensa provarmos que o patriotismo é o arrimo das convicções que nutrimos no seio de uma sociedade coarctada por sua propria organização politica, corrompida pelos costumes inveterados nos seus diversos ramos publicos e particulares, ao mesmo tempo que prevaricada pelos agentes da autoridade com o mais orgulho cynismo que é-nos possivel conceber.

Seremos antes uns senhores, mesmo uns inimigos da vida da sociedade brasileira no querer dos contrarios á influencia dos trabalhadores; mas, para evitarmos a acrimonia de semelhantes homens, não pretendemos deixar-lhes razão de taxar-nos de — prevaricantes da moralidade publica—.

Em nosso entender a imprensa é um santuario em que não devem ser sacrificados interesses pessoases, e sim sustentadas as convicções sinceras, de maneira que se possa julgar um paiz qualquer por meio das discussões transmittidas em seus caracteres materiaes; queremos dizer: discutir, combater e proclamar doutrinas razoaveis com o espirito do seculo e adequadas ao bem-estar da comunidade humana deve ser seu principio e fim, provando desse modo a sincera aspiração do homem na porfiada e gloriosa luta da intelligencia. Fóra dahi é banir do espirito social o justo e sério motivo da tarefa humana—a concepção da verdadeira existencia de Deus por meio da mais ligeira marcha sobre os melhoramentos feitos pelo estudo scientifico e pratico do homem no mundo—.

Sob a influencia desse principio de moralidade, que deixamos presente nas poucas palayras que dão principio a este artigo, não nos parece restar duvida que procuraremos bem servir á cauza dos trabalhadores de todas as profissões artisticas logo que sinceramente nos derem o apoio necessario para sustentar-se na

arena do jornalismo este periodico; e, para melhor provarmos o dito, havemos de considerar quaes os meios julgados bons para conseguir-se a igualdade dos direitos sociaes de modo que garanta os interesses existentes na vida commum dos povos.

E' sem duvida esse trabalho superior ás forças de intelligencias pouco cultivadas no estudo dos factos dados na vida da humanidade, e póde muito bem ser inçado de erros e repetições quando além disto não estamos praticos a escrever para muitos lêrem; mas, em abono da razão que não nos tiram, é necessario que não olhemos semelhante couza como contraria ao bom senso na occasião em que a sociedade está ameaçada por muitos modos a envolver-se nas torpezas do egoismo de alguns individuos elevados ás posições officiaes.

E levando o leitor a essas considerações não só pretendemos demonstrar o estado social artistico do Brasil, como apresentar—os meios que julgamos bons para conseguir-se a igualdade dos direitos sociaes de modo que garanta os interesses existentes na vida commum dos povos,—do que já concluimos que os trabalhadores de todas as profissões artisticas não se devem conter fóra do movimento moral operado ultimamente em todas as partes do mundo, cumprindo-lhes por isso abraçar um partido que se proponha proclamar o necessario bem-estar de todos.

E assim, passando desde já ao proposito de dar idéa do estado social artistico no Brasil, nós não precisamos fazel-o com considerações proprias; C. Moura e o periodico denominado—Artista—fallam em nosso lugar, e o primeiro diz:

« Os lavradores e operarios ou mecanicos não gozam de vantagens á partilha igual consequentes com a distribuição dos oaus, desde que do estudo da consagração constitucional se—passa á analyse pratica.

« Uns e outros são agentes obrigados do trabalho mais pe-

nozo e improbo da actividade humana.

« Isto porque infelizmente, neste paiz, onde tanto se falla de vantagens de instituições livres e igualdade na protecção das leis, vantagens de praticas negativas, o espirito de associação não existe para os homens de labor mecanico diurno e penoso.

« Pobres martyres do trabalho abençoado por Deus, agentes reaes e eternos do progresso material da sociedade, não são elles animados da esperança que no fim de um certo periodo de annos quando cansados pelas fadigas do seu labor constante uma reforma, uma apozenação, uma pensão ou um mealheiro resultante do lucro do commercio, virá pô-los ao abrigo da miseria garantindo-lhes o pão do corpo e o conforto da alma nos dias da velhice e abandono das forças activas.

« Do producto do trabalho de sol a sol tiram elles para o pagamento do—imposto directo e indirecto—que ha de prover eternamente ás necessidades do Estado, e fornecer aos capitalistas, negociantes, funcionarios e industriaes de todo o genero—os meios de quitarem seus impostos e se proverem para as eventualidades do futuro!

« Trabalham para si; trabalham, e sempre, para os outros!

« Entretanto peza-lhes exclusivamente o imposto individual, reclamado pela milicia civica: o serviço das revistas, formaturas, guardas e destacamentos dessa instituição vexatoria por desigual nos sacrificios que exige das classes diversas da sociedade; e ainda sobre elles só recahe o imposto de sangue!

« Dahi rezulta o facto constante da desvantagem da sorte do nacional comparada á do estrangeiro, a preferencia do trabalho mecanico do estrangeiro ao do nacional nas fabricas, nos arsenaes, nas diversas empresas industriaes e nos trabalhos particulares, no commercio, em tudo absolutamente! Preferencia naturalmente justificada pelos interesses directos e indirectos que

se prendem á fertilidade e barateza do trabalho no aproveitamento de tempo!

Os redactores do---Artista---, periodico publicado na cõrte em 1870, escreviam o seguinte no seu n. 4:

« As artes e a industria no Brazil estão em grande atrazo, e difficilmente sahirão delle si---continuarmos a viver como até hoje.

« O estado do paiz é desanimador, mas os brasileiros quebram os remos e deixam-se levar pela corrente, cruzam os braços e na mais completa inacção reduzem-se á uma sorte lastimavel.

« Os animos estão abatidos, não ha forças reconheciveis exteriormente; dizemos, a precisa energia para que os brasileiros possam quebrar de um só golpe os grilhões de ferro que os subjagam.

« Suas forças estão latentes, elles não as vêm. Sentem-se prezos como por encanto sem reconhecer o laço invizível que os manietta.

« Teriam forças para quebrar algemas que vissem sobre seus pulsos, mas não conhecem as armas a empregar para debellar e vencer um inimigo cuja existencia e cujo pezo sentem, mas cujos meios de acção não podem comprehender, que não sabem onde rezidem. »

Desses testemunhos que acabamos de apresentar concluimos ser necessario aceitar-se um partido, como já dissemos, capaz de proclamar a influencia dos trabalhadores na sociedade sem que se abalem interesses particulares de qualquer ordem que sejam.

Mas onde estão os meios, que são as suas bases, os seus alicerces?

Para nós elles existem, reproduzem-se a todo momento na concepção do homem, e não podem ser ignorados quando em todo o mundo levantam-se partidarios do direito commum, cujos propendem para a instrucção como o seu mais forte sustentaculo nos diversos conjunctos de que se compõe a humanidade.

E embora assome ao espirito de muitos a objecção de que os trabalhadores nunca poderão gozar desse direito, attento o estado em que se acham sob o dominio da organização do trabalho, não nos falha a razão de que a reforma deste estúpido emperramento do progresso humano póde ser proclamada antes de chegar-se á obtenção do dito direito, porquanto a união dos trabalhadores com este fim, caso

encontrasse verdadeiros inimigos no seio das sociedades, nunca seria realmente vencida pelo numero de individuos.

Pois bem, d'ahi rezulta o concluirmos que os meios de acção, que devem fazer e fazem o nosso programma, acham-se na união para organizar-se o trabalho de maneira que os individuos de todas as profissões consigam dedicar algumas horas á instrucção da intelligencia, com a qual possam reconhecer em que consiste a justa garantia dos seus direitos na sociedade de que fazem parte.

Mas não é só n'isso que se encerra o nosso programma.

A sciencia no trabalho para nós não é desnecessaria, precisa ser procurada por todos os modos, discutida com animação e praticada com attenção; a sua remuneração deve estar de harmonia com os gastos do productor, e isto requer não só que o obreiro seja bom, como tambem conhecido e apresentado de modo a gozar de preferencia para occupar um lugar vago em qualquer officina.

Outras muitas materias estão em iguaes circumstancias, as quaes deixamos de apontar para não tomar mais tempo ao leitor, e tambem porque qualquer intelligencia póde conceber que nenhuma questão artistica de interesse geral deixará de ser discutida nas columnas deste periodico quando seu titulo é tão significativo.

Dê-mos os nossos irmãos o apoio necessario que o futuro provará se cumprimos ou não os deveres a que nos impomos.

OS PARTIDOS E A INSTRUCCÃO

Os partidos actuaes, que ambos são uma e a mesma couza, pois que mutuamente se rendem no poder, de ha muito que promettem ao povo mundos e fundos de instrucção publica, e sob tal promessa se têm consumido centenas de contos de réis, sem que ainda se haja dado um passo no que diz respeito ao desenvolvimento moral do operario, que cada vez menos lucra com taes dispendios, para os quaes tanto contribue com seu suor.

O brasileiro operario mal falla a lingua patria, que infelizmente é pouco conhecida até na propria Europa, o que dá lugar a que elle não possa estar a par dos principaes movimentos dos outros paizes.

Ora, se, como dissemos, o brasileiro operario mal falla a lingua patria, como poderá elle ler os livros dos mestres para acompanhar como deve passo a passo o movimento, quer moral, quer material, das nações cultas?

E' mais do que sabido que as principaes obras scientificas de qualquer natureza

se acham escriptas em linguas para elles desconhecidas, como sejam a franceza, a ingleza e a allemã, e não na portugueza: o que não obsta, é verdade, que as estantes dos nossos livreiros estejam atonetadas dessas obras. Porém, para que servem ellas? O operario no Brazil não deve passar de um vilão, de um analphabeto, assim convém aos *homens do tempo* para dominar a população, a que chamam *massa bruta*, e distribuir a mãos largas os dinheiros aos seus afilhados e frequentarem com suas familias theatros, bailes, etc., etc.

Felizmente tudo tem o seu termo, e não nos desanimemos.

A attitude que têm tomado os operarios na Europa, apesar de adulterada e até menoscabada pela imprensa diaria da cõrte, salvo honrozias excepções, deixa-nos antever que não tardará raiar uma nova época para as classes operarias e que o actual estado de couzas ha de infallivelmente mudar, e a escandalosa farça que tem representado a sociedade dominante vai tocar a seu termo.

A GUARDA NACIONAL

Em nosso entender a guarda nacional devia ser uma instituição moralizada e unica garantidora da independencia do paiz; mas como isso não se pretende que aconteça somos de opinião que ella deve desaparecer para evitar-se os abusos dos agentes do governo nomeados officiaes superiores e subalternos dos seus diversos corpos.

Quizeramos que assim acontecesse, não só porque ella não está no arbitrio dos motivos que a instituíram, como tambem porque esses agentes do governo, levados quasi sempre pela ignorancia dos deveres de homens e cidadãos, julgam-se no cumprimento das suas limitadas attribuições censores absolutos dos actos publicos e mesmo particulares dos concidadãos subordinados.

Depois, o guarda nacional sujeito aos estravagantes caprichos das autoridades policiaes, em uns casos directa, em outros indirectamente, não é um cidadão senhor de si, e sim um mero instrumento no municipio em que se acha.

No estado em que ella está actualmente ainda mais vexatoria é a condição do individuo no municipio: ha casos previstos (?) em que o commandante póde dar praça a qualquer subordinado em um corpo de policia, ou em um de linha, conforme a disposição do seu espirito, e não havendo recurso á lei o cidadão vê-se obrigado a soffrer semelhante contrasenso sem que ache occasião de provar sua razão!

Isto mesmo devia ter acontecido desde muito tempo, desde quando se consentio que os ministros prevaricassem os direitos da guarda nacional designando corpos ou suas fracções para sahirem fóra das fronteiras do paiz sem ao menos salvarem-se as apparencias.

Por essa cauza chegamos ao mais baixo degredo da immoralidade, pois que para fazer-se isso era necessario organizar a

primeira instituição do paiz de modo que, em occasiões precisas, o proprio contrario a ella servisse de seu garantidor: admittio-se então homens ignorantes e viciados pela condição em que viveram, e após elles crianças que não tinham consciencia do que faziam com a farda de cidadãos.

Assim levados ao fim do calculo dos chamados *nobres do Brazil*, ficamos na condição de automatados, e hoje hombra-mos se não estamos collocados abaixo dos escravos com que perverteu-se a sociedade brasileira sob o dominio da monarchia.

E em taes condições não pódo existir a guarda nacional, nem é razoavel denominar-a com tão elevado nome.

IMPrensa AMERICANA

O SEGREDO DAS AGUAS

Nós passamos a vida todos entregues ás paixões e mizerias do mundo. Em geral sahimos do collegio, vamos estudar uma profissão e morremos nella. Não aprendemos nada de novo, descremos logo do mundo e da Providencia, e crendo muito em nossa alta sabedoria, morremos antes de morrer. A alma já está morta de muito tempo, quando sahe do corpo. A vida se passa sem idiéal algum, e sem proposito intimo de progresso e de santidade: é uma vegetação, não é vida humana.

O christianismo, bem estudado na Biblia e applicado, é que faz a felicidade da vida. D'ahi é que nos vem o ardor do sol que nos faz crescer para o céu. Ahi é que aprendemos a ser pequeninos, e purificamos o coração e vemos o reino de Deus.

Que de bellezas que o estudante da natureza descobre no seu seio! Ou tome um telescopio e o applique aos astros maiores, ou tome um microscopio e sujeite-lhe á antena a mais delicada de insecto, que de maravilhas,—na symetria, na riqueza, na profuzão, e simplicidade,—na belleza—de toda a criação!

Feliz é do que tem bastante lazer dos cuidados do dia para ler Deus na natureza. Então é que elle ficaria verdadeiramente o sacerdote deste universo de cujo altar,—o coração,—se levantaria de continuo ao throno do Altissimo o incenso de que Elle é digno,—o louvor, a gloria e a virtude.

Para se fazer bem idea do que é o amor e a sabedoria do Senhor, escolha-se neste mundo qualquer couza, qualquer elemento trivial de qualquer reino da natureza: estudemos a sua formação e as suas funções e, depois fantazemos um pouco: supponhamos que esse elemento, ou animal ou vegetal ou simples átomo, não fosse o que é,—fosse feito de um modo diverso ou antes que, assim como o Creador regulou todas as leis tão sabia quão bondadadamente, apparecia de repente um espirito máo a quem Elle deu o poder de desfazer as couzas, de transtornar todas as leis. Seja o nosso exemplo hoje a agua. O que é que ha de mais commum do que a agua?

A primeira couza que temos de notar é que a agua não é só um fluido necessario para dissolver certos ingredientes para transmittil-os ao organismo de tudo o que tem vida. Todos os animaes e plantas têm agua, são agua em grande parte. Quando comemos batatas, só comemos uma quarta parte de solido: o resto é agua. Outras raizes, até, como a cenoura, só têm dez de cem partes de materia solida. A « abobara d'agua » tem um nome bem applicado, pois de cem partes noventa e seis se compõem d'agua. Nós agora que somos tão robustos também somos agua em grande parte. Por mais « solido » que seja o sabio ou ricaço, e mais esbelta que seja a donzella, trez quartas partes delles são agua. E no sangue ainda maior a proporção; seja elle azul ou nobre como fôr, setenta e nove de cem partes contém o mesmo liquido em que se cozinha o feijão. Que couza mais tocante do que as lagrimas,— as lagrimas de dôr e de alegria, de amor e de odio, de perdão e de vingança, de saudade e de satisfação, que maior poema da natureza do que o das lagrymas? Entretanto, olhadas com olhos chimicos, o que são ellas?—Agua. Mas deixemos de banda este assumpto « prosaico » de se considerar a gente reduzida a um jarro d'agua, que se move de uma parte para outra. O tempo e o nosso espaço urge, e vamos já fazer de conta que o espirito do « Maligno » ou do « Tinhoso » tivesse agora licença de fazer das suas com a agua: supponhamos que, por um tempo, « ficam revogadas todas as disposições »—da natureza.

Sabe-se que o mar contém arsenico bastante para envenenar a todo o mundo, se fosse extrahido. Eis ahi o que o Demonio faria logo e logo, se não nos quizesse poupar. Mas como elle não é tão feio como se pinta, supponhamos que se contentasse em fazer o oceano de algum outro liquido, ou de mercurio. Que resultados fataes! No primeiro cazo o fundo do navio, ainda até dos encouraçados, desappareceria corroido em poucos dias; os peixes e as baleias morreriam todos, e coitado do homem que cahisse no mar! Mas qual! os proprios vapores do abysmo bastariam para matar a todo o mundo. No segundo cazo, que interessante que havia de ser a navegação, um navio não podendo mover-se do seu lugar por muitos dias, e correndo despropositadamente em outros! E que seriam dos combates maritimos, das glorias navaes? Onde estariam no Brazil a « rua do Riachuelo » e a « praça Onze de Julho? » Quando uma « Amazonas » dêsse a primeira bicado nas chatas do inimigo escorregaria de outra banda e viria pelo rio abaixo a parar no oceano.

Supponhamos agora que as aguas não pudessem passar por mudança alguma, mas que só quando ao seu emprego pudesse o Ardiloso transtornar o que é estabelecido agora como lei. O primeiro alvitre que logo lhe occorre é pôr o seu veto absoluto na lei da evaporação. Com a sua mão poderosa, elle agarra nas nuvens e as leva para traz do mar,

ou então ordena que Eolo abra fallencia e feche para sempre as suas portas. Sem vento as nuvens não podem fazer a sua viagem para o interior das terras: as plantas morrem todas, desde a violeta até o jequitibá; o sol bate em cheio sobre a terra desfallecida; a redoma do céu é um reverberar continuo de ardor; os riachos e os rios já não correm mais, toda a natureza está, mirrada e morta.

Se o Demonio ainda não quizesse ser tão malvado ou só tivesse o veto *suspensivo*, em vez do absoluto, e se houvesse uma secca enorme, maior ainda que a do Egypto, mas não perenne, neste caso o homem, que é arteiro, podia levar-lhe a melhor, ou, ao menos, alleviar o mal. Elle teria de inventar grandes machinas, abrir immensos canaes, carregar a agua por barris, ou tinas, para, depois, por meio de muitas bombas, irrigar as suas plantações. Que trabalho que isto não custaria! Façam idéa de uma fazenda em que isto fosse preciso; onde estaria gente para esta lida infinda de regar o sólo?

Mas agora olhemos para as providencias que o Senhor tomou! Examinemos por um momento o modo sabio, admiravel, por que Elle traz esta agua ao pé de todo o lavrador, ao pé da herva a mais delicada e do gigante o mais altivo da floresta: oh! como tudo ahi é grande! A muitas leguas de distancia do leitor estão agora levantando-se do mar massas de vapores, que sobem á atmospheria. Quando chegam a certa altura ellas se condensam em nuvens, depois os ventos impellem estas nuvens, até que chegam á fazenda ou á situação onde o lavrador está precisando irrigar a sua plantação. Ahi encontrando-se com uma corrente de ar mais frio, ellas se resfriam também a tal ponto que não se podem conservar suspensas, e então começam a descarregar-se sobre a terra. O nosso lavrador que ha pouco precisava tantas bombas, tanto machinismo, tanta gente a trabalhar e a suar, agora sente-se enlevado vendo a agua do céu cobrindo igualmente toda a superficie da sua plantação,—regando tão exactamente como elle nunca poderia fazel-o. Eis ahi o que a natureza providenciou para elle: o mar levantou-se do seu grande leito e viajou pelos ares para vir fertilizar a sua canna, o seu café e o seu milho. E de que distancia veio-lhe a ella! A chuva que cahe no Pará talvez viesse do Rio de Janeiro, e a que cahe ahi veio talvez de Montevideo, ou da Patagonia. Outra couza. Se nós regassemos as plantas, haveriamos ás vezes de ser parciaes, molhando mais umas do que outras, que menos estimassemos:—O Grande regador da natureza é imparcial: não ha um pedaço do sólo mais humedecido do que outro. Quando ha chuva, seja a planta a rozeira, a mangueira ou o mato, de que limpamos os jardins, a chuva é sobre todos igualmente: a Providencia, na sua bondade, fal-a cahir sobre justos e injustos.

Agora vejam como é complexo o mecanismo que faz a chuva. Primeira-

mente o sol aquece as aguas, depois ha atmospheria que as recebe. os ventos que as levam nas suas azas, as montanhas que as detêm, e condensam, e finalmente os rios que as tornam o levar para o oceano. Este mecanismo levanta todos os annos agua bastante para encher um lago de vinte e quatro palmos de profundidade, mil leguas de largura e oito mil leguas de comprimento. Tal é o calculo feito por Maury (« Geographia Physica do Oceano. »)

Mas imaginemos que o Asmodeu entra outra vez em scena e que tem licença de desarranjar este mecanismo, quando a chuva está a cahir em terra; e que elle diz: « Os homens, vós sois muito felizes com estes pingos de chuva: preciso atormentar-vos e virar a vossa bençãem em maldição. » O que aconteceria, quando houvesse chuva? A principio começam a cahir pingos immensamente grossos, pingos que não são mais pingos, mas torrentes d'agua em si mesmos, logo depois massas d'agua cahem de uma vez sobre a pobre humanidade. Tudo fica um mar: plantas, animaes, cazas, tudo. As colheitas ficam todas perdidas. Não ha mais uzo para chapéos de chuva. Cada vez que ha chuva ha uma inundação grande, repentina e desastroza. Eis ahi o que *havia de succeder*. Quão diverso do que *succede*! Quão delicadamente cahem sobre nós as aguas immensas das chuvas! Ellas, mostram-nos o seu poder arrazando montes; mas também nos deixam ver sua candura e delicadeza, cahindo sobre as petalas das rozas sem offendel-as,— até sem vergal-as. Não menos admiravel é o pezo das nuvens,— como elle se sustenta no céu: que seria de nós se não houvesse a Mão que as detêm sobre nossas cabeças e que regula a sua descarga em chuvas? E o orvalho? Qual é a alma que ha por ahi que nunca sentio-se agradecida por este poetico, delicado e mysterioso dom do céu? Quem é que distilla o orvalho, e com mais abundancia sobre as plantas que mais precisam delle, e que o faz mais copiozo nos paizes em que chove menos? Quem é que teve este cuidado de aliviar com este nectar celeste a herva do campo crestada pelos ardores do dia, quem senão um Ente summamente bom, amorozo e sublime?

Nós nunca poderemos fazer idéa de quanto devemos ao Creador por nos ter dado agua, e a nós e a suas creaturas vivas. Não temos aqui espaço para mostrar todas as suas propriedades admiraveis: basta lembrar que ella é tão util para nós saciar a sede, como para o preparo do nosso alimento; é tão util ao insecto como ao maior quadrupede; tão necessaria á herva rasteira como aos suberbos cedros das matas. E' util no mar, no rio, em casa, e nas nuvens. Se pudessemos acompanhar toda a história de uma gota de agua, que romance que veriamos! Que bello seria vel-a levantando-se do seu immenso leito, batida para a banda da terra condensando-se em nuvens e depois de beijar as grimpas dos montes, precipi-

tar-se em terra e correr endoudecida pelo ribeiro abaixo; deixar-se embeber na raiz de alguma arvore á beira das aguas, depois exhalar-se outra vez por suas folhas afóra, até ser colhida novamente por uma nuvem e atirar-se em terra, onde some-se agora nas escuras galerias subterraneas do sólo e ahi vaguear por muito tempo até que cheia de vida, vê outra vez a luz brilhante do dia em alguma nascente, quando o homem a sorve no seu systema; e depois de animar a sua vitalidade, suspender-se de novo aos ares, e continuar a mesma lida! Que romance, cheio de incidentes e de paixão! A agua tem sido justamente chamada a rainha dos liquidos. Ao nascermos, bebemol-a no leite materno, e na hora extrema da partida muitas vezes a palavra « Agua » é a unica que se ouve das cordas de um peito que a vida vai deixar.

Repetimos,— feliz do que olha estas couzas da natureza como o livro do Creador. Elle descobre « aquillo que o olho não vio, e que a cabeça não lembrou. »

(Novo Mundo.)

CHRONICA

FACTOS DO INTERIOR

Nenhum facto mais importante que o da academia nos apresenta a semana. Os estudantes, como é natural, contrariados pelas disposições do decreto de 22 de Outubro quebraram diversos objectos das salas das aulas no valor quatorze contos. No mesmo dia corria o boato de que o Dr. Pinheiro Guimarães empunhára um revolver com o fim de contel-os; mas felizmente isto não é real, porquanto o mesmo doutor protesta contra elle como se vê nos avisos do *Jornal do Commercio* de hontem (18). Por cauza desses factos o conselho de ministros teve uma larga conferencia com os lentes da mesma academia.

Abriu-se no dia 15 a exposição de flores promovida pela sociedade Auxiliadora da Industria Nacional. Esteve bastante concorrida e faz esperar-se a sua reprodução no Passeio Publico, lugar que foi escolhido para esta.

Das provincias o unico facto que achamos para registrar é a invazão dos indios em Mato-Grosso. Publica a *Republica* de hontem sobre isso o seguinte tirado do *Liberal* da ultima data:

« Em fins de Setembro ultimo os indios bravios da tribu de *Cayapô*, incendiaram a casa de Gregorio Fernandes Lima, no lugar denominado Faturinha, a 9 leguas desta cidade, e a duas do engenho do cidadão João Pacheco Pinto de Castro, tendo sido o dito Gregorio flechado em uma coxa. Passados dias, voltaram os mesmos indios e atacaram a casa de Manoel de Siqueira, no lugar Formosa, distante desta cidade 8 leguas, não conseguindo, porém, incendial-a em razão de ter chovido nesse dia, e na volta passaram pela fazendinha do dito cidadão Pacheco, mataram um cavallo, não deitando fogo aos ranchos por-

que também estavam molhados da chuva e por terem sido logo presentidos.

« Consta que os moradores daquelles lugares, em numero de 15 homens, subindo a serra para os lados do rio Manso, em perseguição dos selvagens, no lugar denominado Gularte, foram elles alcançados, abandonando a caça, arcos, flexas, obrigados pela carreira precipitada que que deviam dar para evadir-se.

« Consta mais que na semana ultima, voltando os mesmos indios ao lugar das primeiras proezas, fizeram uma cruz em frente da casa, e outra defronte do paiol de Manoel de Siqueira.

FACTOS DO EXTERIOR

Cresce cada vez mais o movimento operario na Inglaterra e denota isso que as classes desfavorecidas daquelle paiz tendem a alcançar por meios legais a verdadeira influencia na sociedade. Publicou-se o manifesto da commissão operaria e convocou-se reuniões para a sua approvação nas cidades e villas. Trata-se da formação de uma liga para realizar aquelle programma: reúnem-se operarios e aristocratas. Imaginam os aristocratas dar aos operarios bastante commodidade, recreações ao alcance de todos, escolas gratuitas e mercados bem sortidos. Emfim, pouco a pouco desliga-se a Inglaterra das pês de um regimen velho e vergonhozo e cria maiores forças a disposição dos animos na discussão suscitada com a breve vacancia do throno para o qual os operarios não julgam apto o principe de Galles.

A França reconstitue-se sob o governo da republica do Sr. Thiers. Pagou mais uma parcella da divida de guerra. Offereceu vantagens á Alsacia e Lorena com o intento de sustentar as sympathias dos francezes obrigados a serem prussianos. A insurreição argelina diminue de força.

A Prussia está no seu estado offegante; é incansavel na união da Allemanha. Abriu-se o seu parlamento, e o Sr. Bismark interpellado sobre a influencia da associação Internacional quiz fazer acreditar não ter ella muitos prezelytos no seu paiz: deixa-a caminhar enquanto os hespanhóes se arreceiam sem razão.

A Austria, como depois de 1866, tem seguido sempre o descalabro dos desmandos. O imperador vê-se impotente ante a attitudé dos seus subordinados.

A Italia procura levar a cabo a obra da sua unificação. O papa continúa como estava depois da entrada das tropas de Victor Emmanuel em Roma, e consta que sua santidade pretende nomear prelados para a França sem a apresentação daquelle paiz.

Na Hespanha o parlamento occupou-se em largas discussões com a Internacional, querendo alguns que o governo a declare fóra da lei, e diziam que 300 emissarios da mesma tinham penetrado no paiz. Continúa na paiz indeciza.

Em Portugal não occorreu facto mais importante que a nomeação do Dr. Mendes Leal para ministro em Madrid.

— As noticias do Rio da Prata trazidas pelo *Die'a* dizem ser critica a situação do

governo e da ordem [no Estado-Oriental. Varias forças rebeldes tiroteavam ou sitiavam as praças mais importantes do litoral. Tinham partido soccorros para o coronel Castro a quem temia-se que Apparicio, chefe rebelde, derrotasse e abrisse assim caminho para a capital. Assim mesmo continuam as negociações de paz.

Na republica Argentina o Sr. Alsina, vice-presidente, tinha ido vizitar a exposição universal de Cordova. A convenção do Estado de Buenos-Ayres suspendeu temporariamente os seus trabalhos. Deuse uma grave divergencia entre o general Arredondo e o coronel Granja, ministro da guerra, sobre a questão de fronteira.

No Paraguay foram recebidos em audiencia particular os tres ministros plenipotenciarios aliados. O presidente Rivarola, por enquanto dictador, esperava que fossem respeitados os direitos de sua nação. Falla-se que Rivarola não quer tratar por si da paz, procura nomear um tribunal, indicando para seu arbitro os Estados-Unidos. Estavam prestes as eleições dos representantes do paiz.

LITTERATURA

MORTE!

Á A. P.

E' indiscrepível a dôr que me punge o coração!...

Out'ora tinha eu a acalantar-me a alma a esperança de vêr realizados um dia os meus dourados sonhos de criança!—mas hoje!... esvaecida como o fumo, só me resta o desalento e a solidão...

Solidão... morte lenta da alma... anciar eterno do coração, em do impossivel!

E como a hera que cresce arrimada ao tronco do velho carvalho eular, rociada pelo orvalho matutino, abrindo as folhinhas mimosas aos raios benéficos do sol das primaveras, arroubada, deliciada, pelo gorgear dos passarinhos ao despontar da aurora, sente-se de repente esmagada por esse mesmo tronco que lhe fóra vida a arrimo e cujas raizes immensas não puderam garantil-o contra o furacão que o derribou, assim o meu coração, jovem como a hera, vivo, alegre e descuidozo como ella, vio perderem-se-lhe as illuzões derrubadas pelo simoun da descrença morte de toda a esperança!...

Hontem ainda, buscando a gloria, procurando cingir a fronte de louros para os depôr aos pés della, não me lembrava que a realida viria hoje murchar as rozas dos meus sonhos, gelando-me o sangue nas veias... inflingindo-me torturas que me matam lentamente!...

Oh minhas illuzões!... o que é feito de vós?...

...
E como eu a amo ainda!...
Quando sei que ella me despreza,
quando vejo desdenhados os meus affectos, desconhecido este amôr que me abraza e que me mata, sinto-me envergonhado de mim mesmo por não poder olvidal-a!... A razão diz-me — esquece! repete o amôr — lembra-te! E no meu coração falla mais alto o amôr do que a razão!...

...
Triste condição da humanidade!...

...
E foi um homem a quem eu chamo amigo, a quem aperto a mão, que veio contar-me, entre sorrisos, a sua ventura e a minha desgraça!...

Cada palavra sua era um golpe, cada ventura nova uma nova tortura para o meu pobre coração!...

E poderá elle amal-a como eu a amava?.. Oh não! que amores assim salvam ou matam quem uma vez os sente!

Amo-a tanto, tanto, que não posso esquecel-a! — quizera que as lagrimas que tenho derramado se convertessem em flôres juncando o caminho que ella percorresse! Como eu soffro!... Oh meu Deus! Se tu és bom, se tu és misericordioso, dá-me, dá-me a loucura... ou a morte! a morte! repouzo eterno do corpo!... olvido do mundo que desprezo!... liberdade da alma que desprendendo-se vò a aos pés de Deus a depôr alli o seu muito amôr, o seu muito padecer!

...
Meu Deus!... meu Deus!...
tende piedade de mim!...

5 de Agosto de 1870

A. M.

...
Como és bella, Elvira! tens dos anjos,
Ethereas formas qu' invejara Venus,
Se vira-te a nudez!

Nos teus labios de rosa moram amores
Que se nutrem c'os beijos que imprimem,
Na fulgurante tez!

Nas tuas mãos de fada, o meu destino,
Guarda-o sempre, e me adoça a vida,
C'os doces beijos teus!

Deixa qu'em teu collo o craneo ardente
Reponse mansamente e descuidozo,
Dos negros escauceus.

Não fujas, não, aos meus braços tremulos
Que as formas tuas, no delirio ardente,
Querem loucos cingir...

Deixa que os labios em teus labios lindos
E'brios se collem, desfalleçam ebrios,
Do divino elixir!

Bahia, 3 de Fevereiro de 1871.

A. P.

QU'IMPORTA?...

Á JULIA

Qu'importa o que me fizeste
N'aquella noite, morena,
Quanto a lua, tão serena
No sidéreo azul passeava?

Qu'importa, se assim é sempre?
Sempre amei quem outro adora!
E em vão minh'alma implora
Da mulher um meigo riso.

Qu'importa que eu viva agora
Na solidão mergulhado?
Acaso dirás — coitado!...
Vendo que por ti soffro?

Não creio! e se algum dia
Tu me vires desgraçado
Por me teres recusado
Um amor que tanto almejo...

Não creio que tenhas pena
D'esse louco que te adora
E que a Deus, só pede a hora
Que a sua vida dê termo!

De que serve a vida ao homem
Quando infeliz elle é?
Porisso eu tenho fé
De na morte um riso achar!

A. M.

ROMANCE

IMITAÇÃO DE METASTASIO

Eis o dia, a cruel hora
Qu'insana dôr vem me trazer!...
Pois longe de ti, pastora,
Triste e só, fico a viver!
Só me resta a dôr agora
Um soffrimento sem fim...
E tu, que minh'alma adora,
Talvez não penses em mim!

Quando á tua chegada,
Pastores cheios d'ardor,
Forem co'alma enamorada
Offerecer-te o seu amor,
Em troca dessa ternura,
Lhes sorrirás, quem sabe, emfim!
E n'essa doce ventura
Talvez não penses em mim!

O prazer, os rizos d'alma
Partindo m'os levarás...
Tu só, dôr, que nada acalma
Como um algoz me ficarás!
Vai contigo o pensamento,
O meu socego, tudo emfim,
Apezar deste tormento
Talvez não penses em mim!

Verdadeira, algoz tortura,
O teu adeus vai me pungir!
O bosque agreste, a rocha dura,
Hão-de me a dôr compartir!
E do crepusculo até á aurora
Gemerei sem cessar, oh sim!
E tu que minh'alma adora
Talvez não penses em mim!

Ai, vê como a dor devora
Minh'alma a desfallecer
Crê que quem tanto te adora,
Te amará até morrer!
Pensa n'esse amor infindo,
Pensa em meu soffrer sem fim!
Pensa...mas não...partindo
Não mais pensarás em mim!

Tradução de A. P.